



REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
* Propriedade da Confederação Geral do Trabalho *
EDITOR—**JOAQUIM CARDOSO**

Redacção e administração—Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa—PORTUGAL
End. Tel. gr. Lisboa—Lisboa • Telefone: 1
Officinas de impressão: Rua da Atalaia, 134

ATALEIA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

TRABALHO DE RECONSTRUÇÃO

Sociedade onde não exista moral é sociedade por terra. A sociedade burguesa está agonizante, tendo-se acentuado a sua queda durante os últimos tempos. A guerra acabou de matar a burguesia, suprimindo-lhe a pouca moral que ainda a mantinha. Den largas a todas as ambições e a ambição, que faz perder os indivíduos, vibra também golpes mortais nas sociedades.

A paixão política tornou-se mais impetuosa do que nunca; obrigou os políticos a desinteressar-se em absoluto do bem-estar dos povos e destes, por sua vez, a desinteressarem-se dos políticos.

Aqui em Portugal, onde a política foi sempre uma burla, os seus adeptos desmoralizaram-se completamente. Ignorantes em extremo, cuidam apenas em criar lugares inúteis para neles anicharem os seus adeptos, ao passo que o problema económico, originado pela guerra, é abandonado e agravado por chantagens vergonhosas, de que uma alcatia de estafados vive e goza.

Os partidos, aparentemente divorciados, tem, no entanto, um ponto onde todos se assemelham—a necessidade de saquear a riqueza pública. Para os governantes não há dificuldades, visto que delas não cuidam nem tencionam cuidar; há unicamente um desejo, uma vontade, um ideal—governar-se.

Tudo fazem, geralmente, para que os deuses encher livremente as algebras, desde as mais belas promessas às mais odiosas repressões sobre os roubados. Ao capitalismo, que também se desmoralizou extraordinariamente, convém esta podridão política e por isso quando os governantes não veem do seu seio, agarrar-se, comprometer-se, torna-se seus cúmplices, visto que as instituições assim o permitem. Se é um parlamento que põe e dispõe das verbas públicas, trata de corromper esse parlamento.

E, assim, o Capital mata o Estado com a sua ganância desenfreada. O Capital é uma nódoa de desmoralização que alastra, alastra sempre e mancha tudo e todos que se encontram nesta sociedade. Poucos podem escapar, hoje em dia, à corrupção do dinheiro. Os aspectos deixam-se seduzir para alcançarem alguns gosos e um pouco de ociosidade, os ladrões aproveitam todos os meios para se tornarem mais ladrões (milhões e milhões de gosos, que, quasi sempre, conserva um pouco de moral que resiste à podridão dos de cima).

Porém, a ambição não olate a amigos. Por isso o Capital, que bate a record em questões de ganância, rouba, com igual indiferença, o Estado e o povo.

O alto e o baixo comércio rouba o povo no açúcar, no feijão, na batata, no azeite, no óleo, no pão dos géneros, nos trocos, no tabaco; rouba, rouba sempre, rouba cada vez mais. Os banqueiros, as companhias importantes, as grandes empresas, roubam duplamente o povo e o Estado.

Para isso servem-se de trucs mais inteligentes e por esse motivo os seus roubos são sempre aos milhares de contos. Compram-se então os acessórios: a imprensa, a imprensa faz, a imprensa faz política. A imprensa faz, honestamente a apologia do roubo; os políticos permitem-no.

Mas há um ponto que os políticos precisam sempre respeitar—as conveniências.

É necessário que o povo acredite sempre que eles estão no poder para defender os interesses populares. E o povo, por hábito, por defeitos de educação, ainda pede ingenuamente aos políticos que o livre da ganância capitalista. Ora esse gesto do povo equivale a um indivíduo que dando pela falta da carteira vai pedir ao cúmplice do ladrão que prenda o seu companheiro. No entanto os políticos para se darem um certo ar de gente honrada, fingem perseguir os capitalistas e votam medidas de repressão contra os assambarcadores. Ai deles, porém, se as aplicam rigorosamente! Os capitalistas retiravam-lhes a comissão e então o lugar de ministro ou de deputado passaria a não valer de reis.

É por essa razão que quasi todos os assambarcadores condenados subtraíram apenas uma saca de batatas ou um fardo de bacalhau, ao passo que Jerônimo Martins e Manuel Caetano Alves—que toda a gente conhece por assambarcadores temíveis, um do açúcar e outro do bacalhau—passaram impune e sem seus automóveis e gastam com deficiências de fome alheia.

Por vezes os capitalistas não sabem bem que papel devem desempenhar, e com os políticos sucede o mesmo. Dai o desaviesar-se, haver zangaria. São as ambições que se excitam, mas, depois de longa luta, detem-se porque os lobos não se comem uns aos outros, e lançam-se então ambos sobre o povo, que tudo paga.

Se este resiste, entra então em cena o argumento mais forte—a força pública, isto é, a força que dá o pão ao público—o militarismo. É a última instituição bem paga, bem tratada, com créditos votados diariamente no parlamento. A seguir entra o novo factor em função: a opinião pública—a imprensa a tanto por linha, que gaba os gestos dos governos, dos burgueses mercenários e dos militares e que abusivamente proclama reflectir a vontade da opinião pública.

Este jogo de ambições não serve senão para duas coisas: arruinar o Estado e fazer perder a paciência ao povo. A ruína do país é a derrocada burguesa. Como não é possível recompôr uma situação financeira razoável, o povo tem que procurar saída por outro lado. E como sair deste ambiente corrupto, onde as ambições se chocam, onde não há moral, onde tudo está desorganizado? Um único caminho se depara—Revolução.

Ninguém duvida que após o triunfo da revolução—porque é facilíssimo triunfar de indivíduos já semi-mortos—tem de ser a organização operária, escudada em elementos avançados, que há de tomar conta dos destinos do povo. Ninguém duvida também que isto está suficientemente pôde para cair por si.

Portanto, há um trabalho grande, enorme: a que nos temos de lançar: a reconstrução. Esse trabalho tem de ser bem estudado porque o caos que a burguesia nos deixa há de custar grandes esforços ao proletariado para o substituir por uma organização nova e forte. Ser-nos-ia, pois, agradável ver que o proletariado compreendia bem a sua missão e se lançava a ela energicamente para assim aplanar já algumas dificuldades que a Revolução nos há de forçosamente apresentar.

PERSEGUIÇÕES ODIOSAS

Os deportados

A situação dos camaradas expulsos do Brasil é aflitiva—Quando terminam estas injustificadas perseguições?

Dos deportados para Cabo Verde recebemos uma carta que revela bem o estado aflitivo em que aqueles camaradas se encontram.

Ora, nós admitimos que o sr. Sá Cardoso quizesse manter obstinadamente tam odiosa perseguição. Mas que o sr. Domingos Pereira, que, segundo nos dizem, é mais legalista que o seu antecessor, não ponha termo rápido a tal violência é que se não compreende.

Em 29 de Janeiro os deportados, no intuito de conhecerem a sua situação, expediram o seguinte telegrama:

Ministro das colónias—Lisboa—Preguntamos qual a causa da nossa detenção e quais as condições e por quanto tempo se manterá. Em que lugar do Brasil temos as nossas famílias? A nossa situação é aflitiva.

Transcrevemos também a resposta, que é deveras edificante:

Os deportados que chegaram a S. Vicente a bordo do Quilomane, visto serem de portugueses do Brasil em Portugal não serão mais considerados deportados, mas sim detidos. Concedo poderem trabalhar em obras públicas como colonos, caso se mantenham ordeiramente.

Se, conforme a letra deste singular telegrama, aqueles nossos camaradas são apenas considerados detidos e não por motivo de deportação, a situação é em geral aplicada a indivíduos que praticam crimes de alta responsabilidade. Mas aqueles trabalhadores nada fizeram que lesasse as instituições portuguesas, e foram detidos pelo facto de terem sido expulsos do Brasil.

Então por que motivo não prenderam os governos estrangeiros, os sr. Norton de Matos, Bernardino Machado e outros que foram obrigados a abandonar este país quando o regime de zembreira os perseguiu?

Os trabalhadores expulsos do Brasil que se encontram detidos em Lisboa tem sido maltratados

Informam-nos que os camaradas encarcerados na esquadra do Caminho Novo se encontram ainda em péssimas condições de alojamento.

Certamente que não é para ali que vão os assambarcadores, autores de falcatruas e da fome do povo. No entanto indivíduos que tem passado a sua vida a trabalhar e que o facto de desejarem uma humanidade onde não haja assambarcadores os atirou para a terra onde tiveram a pouca sorte de nascer, são encerrados numa enxovia onde a humanidade é insuportável, onde paira continuamente um cheiro nauseabundo de retrete, onde a comida é péssima e o frio é intenso. E tudo isto para espia-rem o odioso crime de nada terem feito que molestasse o governo português.

Demos há dias a notícia de que haviam sido transferidos para o governo civil; porém, informações recentes, dizem encontrar-se ainda nesse infame calabouço do Caminho Novo, a excepção dum deles, que foi transferido para a enfermaria da cadeia do Limoeiro por estar bastante doente.

Urge que os deportados de S. Vicente regressem a Lisboa e os detidos no Caminho Novo sejam postos em liberdade, isto para prestígio desta coisa que se chama república e que o sr. Mayer Garção diz estar acima dos erros dos homens.

O Carnaval na rua

É proibido o trânsito na rua de indivíduos com máscaras e caracterizações

Pela presidência do ministério foi ontem fornecida à imprensa a seguinte informação:

«O sr. presidente do ministério telegrafou no dia 9 a todos os governadores civis, dando-lhes instruções para que proibissem os folguedos carnavalescos nas ruas, devendo ser permitidos só os que se realizarem nos teatros, associações de recreio e casas particulares. Nas ruas só será permitido o trânsito a indivíduos sem máscaras nem caracterizações».

Assambarcadores

Presidido pelo dr. José Rodrigues Escalvas, voltou ontem a reunir-se, no governo civil, o tribunal para julgamento dos indivíduos abrangidos pela lei dos assambarcadores.

Foram julgados Francisco Pedro Simões, com letaria na rua 1.ª de Maio; José Pereira Duarte, com casa de pasto no largo do Socorro; Alfredo Cesar, criado da mesma: Albino da Silva, com letaria na Ribeira Nova, e António Pedro, funileiro, todos acusados de venderem açúcar por preço superior ao da tabela, sendo todos absolvidos.

—O agente de fiscalização Alfredo dos Santos; prendeu ontem o sr. Joaquim Ferreira Bastos Carolino Júnior, gerente da casa Pestana Lt.ª, Travessa do Corpo Santo, 12, por ter ali uma grande porção de farinha de trigo, imprópria para consumo.

Academias, Universidades e Escolas

Universidade Popular Portuguesa.—Realiza-se hoje a 23.ª lição popular sobre Os Lusíadas, pelo dr. Sá Oliveira. Amnistia, pelas 21 horas, é a 4.ª conferência sobre Higiene Social, pelo dr. Costa Sacadura.

OS TRABALHADORES RURAIS

Realiza-se no próximo mês, em Beja, o seu IV congresso corporativo

É no dia 14 de Março próximo que se reúne em Beja o IV Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, a que devem assistir representantes de todos os sindicatos organizados.

Não só pelo número de trabalhadores representados como pelos documentos a discutir, este Congresso deve revestir excepcional importância. Entre os trabalhos elaborados figuram os seguintes:

Organização Sindical

Camaradas congressistas.—Tendo a prática demonstrado certos inconvenientes duma organização operária rural excessivamente descentralizada, inconvenientes que se manifestam na falta de coesão de esforços e no embaraço para a constituição dos sindicatos por freguesias.

Considerando que é indispensável remediar na medida do possível esses inconvenientes;

Considerando que no sentir indicado importa modificar os estatutos dos organismos sindicais;

O 4.º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais exprime os seguintes votos:

1.º Que os sindicatos de trabalhadores rurais abranjam os assalariados de profissão agrícola ou derivada de cada concelho, podendo, quer para efeitos de simples administração, quer para efeitos de reclamação e resistência, criar secções sindicais por freguesias;

2.º Que o Estado, pelas repartições competentes, reconheça, como tendo existência legal, os sindicatos que tiverem feito entrega dos seus projectos de estatutos nos governos civis, mediante recibo, logo que expire o prazo de 30 dias a contar da data da entrega dos estatutos à autoridade distrital.

O problema das subsistências e o operariado rural

Camaradas congressistas.—Por experiência própria sabemos muito bem que os governos e os parlamentos do país são incapazes de tomar quaisquer resoluções profícuas no sentido de impulsionar a produtividade agrícola. A nossa tese *Intensificação agrícola*, apresentada no Congresso anterior, que não continha de modo algum reclamações que constituíssem um ataque às fórmulas sociais vigentes, muito pelo contrário, inspirava-se nas necessidades nacionais do momento e não no exclusivo interesse de classe, não foi tida na menor consideração.

Os responsáveis pela marcha da administração pública portuguesa, não atendendo os alvares sensato e conciliatórios do 3.º Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais, que interpretou as aspirações do país e os interesses nacionais tam afectados pela incuria administrativa, e nada fazendo de sua iniciativa no sentido do melhoramento das condições da vida portuguesa, parecem apostados em complicar cada vez mais a situação pelo abandono a que votam sistematicamente todos os problemas económicos de acentuado interesse público.

Na questão das subsistências tem-se visto sempre o problema as avessas. De facto este problema, que deveria merecer um cuidado máximo, foi encarado superficialmente como uma questão de consumo e não como uma questão de produção, o que é um erro fundamental. Em vez de se procurar o estímulo e o incentivo a uma maior produção, a preocupação consistiu em regulamentar o consumo—tabelas de fixação de preços, arraaçoamento, requisições, fiscalização. E por mais que se manifestasse a improficiência e até os resultados contraproducentes de tal atitude, os mesmos erros se repetem hoje como ontem.

Não é atribuição deste Congresso aprofundar as causas múltiplas e complexas da carestia da vida e da escassez alimentar no seu conjunto. Entretanto devemos dizer que o *deficit* de produção agrícola poderia ter sido bastante atenuado, concorrendo proficuamente para uma melhoria geral da situação se, como já dissemos, o problema não fosse encarado como uma questão de consumo, mas sim de produção.

Não temos a menor esperança de ser escutados e atendidos por quem de direito deveria ouvir-nos e atender-nos, mas, porque a situação particular do operariado agrícola na organização sindical do país, na qual está absolutamente integrado, lhe marca o dever de opilar sobre o problema das subsistências, o Congresso emite o voto de que sejam defendidas as seguintes medidas concorrentes para se atingir uma maior produtividade agrícola:

1.º—Que sejam tributados todos os terrenos em pousio pela seguinte forma: no 1.º ano, 50000 por hectar; no 2.º ano, 75000 por hectar; no 3.º ano, 100000 por hectar; no 4.º ano, 125000 por hectar.

2.º—Que os terrenos que permanecem em pousio ao 5.º ano sejam pura e simplesmente expropriados sem pagamento de qualquer indemnização.

3.º—Que os terrenos expropriados por virtude da disposição anterior sejam entregues aos sindicatos de trabalhadores rurais, mediante o compromisso de cultivo imediato, devendo o Estado facultar os créditos necessários para as despesas de exploração, com garantia nas colheitas, e fazendo-se a necessária regulamentação de direitos e deveres das partes contratuárias.

4.º—Que sejam expropriados pelo valor da matriz e arborizado pelos municípios os terrenos incoltos não susceptíveis de aplicação a culturas arvenses e hortícolas.

5.º—Que o Estado vote os créditos necessários e tome as medidas concernentes ao aproveitamento dos cursos de água para poder, o principal é querer.

AS GREVES

Condutores de carroças
Nota oficiosa

Sob a presidência do delegado da U. S. O. reuniu ontem esta classe com imensa concorrência de camaradas em luta a fim de apreciar o estado do actual movimento grevista.

A assembleia decorreu no meio do maior entusiasmo, fazendo uso da palavra vários oradores, entre eles o delegado da U. S. O. que proferiu uma bela alocução exortando toda a classe que ainda se encontra em greve a continuar em luta até à próxima vitória.

É com a maior satisfação que o comité grevista aprecia a forma entusiástica como a greve tem prosseguido, pois, apesar desta classe ser de rudes trabalhadores, nem uma só defeção se tem verificado.

A vitória está em marcha. Até hoje registam-se já mais de 300 adesões de proprietários de carroças; continuando hoje das 10 horas em diante a receber-se as adesões dos patrões que o desejem fazer, na sede deste organismo, T. Agua de Flor, 20, 1.º.

Continua a classe em reunião permanente realizando-se hoje pelas 16 horas, uma sessão para todos os camaradas sócios e não sócios apreciarem as fases do movimento.

Mecânicos de Açúcar

Nota oficiosa

Tendo um dos membros da comissão de melhoramentos que trata do aumento de salário ouvido ontem no parlamento, onde se tratou da questão do açúcar, o sr. ministro da agricultura dizer que a greve desta classe era feita pelos industriais, estando os operários macinados com os patrões para que lhe fosse permitido o aumento de preço de venda daquele género, o que é menos verdadeiro, esta classe declara que apenas trata de pedir aumento de salário, sem que seja alterado o preço do açúcar.

Apenas pretendem 70 0/0 de aumento e os sr. industriais desejam por bem obter 400 0/0. Assim, vê-se esta classe obrigada a vir perante a imprensa e perante o público, mostrar o seu mais veemente protesto contra tam grande carimila.

Pessoal metalúrgico e da Construção Civil da Companhia dos Tabacos

Continua no mesmo pé o movimento grevista destes operários, reunindo ontem pelas 18 horas, com a presença dos delegados do Sindicato Unico Metalúrgico e Construção Civil, na sede do Pessoal dos Tabacos.

Quasi ao terminar a sessão rec deu a comissão da greve uma comunicação do comissário do governo para que os delegados incumbidos de solucionar o conflito fossem conferenciar com ele, visto ter algo de importante a comunicar à comissão.

Sabedores os grevistas desta resolução declaram mais uma vez a representação nos delegados dos sindicatos acima mencionados para, conjuntamente uma comissão de operários grevistas, como auxiliares, fosse avistarse com esse senhor, ficando resolvido também reunir hoje, pelas 15 horas, para tomar conhecimento do resultado da demarche.

Terminou a sessão no meio de grande entusiasmo por parte dos grevistas, que continuam no firme propósito de não retomarem o trabalho enquanto não foram satisfeitas as suas reclamações.

Pessoal civil do P. A. M.

O pessoal civil metalúrgico do Parque Automóvel Militar, não desejando sujeitar-se a um regulamento draconiano que o conselho administrativo daquele parque pretende impor-lhe, abandonou o trabalho anteontem e, reunido na secção de Belém do Sindicato Unico Metalúrgico, deliberou conservar-se em sessão permanente até que o conflito seja solucionado.

Além de vários artigos do referido regulamento, em extremo vexatórios, que os grevistas, em número de 300, reclamam que sejam anulados, reivindicam os seguintes salários: para oficiais, 5800; ajudantes, 3850; aprendizes com prática, 2800; aprendizes sem prática, 1800.

O supracitado conselho administrativo, em resposta às reclamações dos grevistas, promete atender uma insignificante parte delas, tendo convidado os nossos camaradas a retomarem o trabalho no prazo de 24 horas, prazo que finda hoje às 15, considerando demitidos os que não se apresentarem e declarando que admitirá novo pessoal.

Os grevistas, porém, certos de que as suas reclamações são de todo o ponto justas, reclamam que são patrocinadas pelo Sindicato Unico Metalúrgico e pela Associação dos Operários da Indústria de Carruagens, deliberaram em reunião magna ontem efectuada, mantê-las, não se apresentando, portanto, a trabalhar enquanto não sejam satisfeitas. Confiaram aqueles camaradas e os referidos sindicatos que nenhum operário se prestaria ao degradante papel de tráfalo.

Manufactores de Calçado

A classe, apreciando as informações que os industriais tem feito publicar na imprensa burguesa, em que dizem que não tratam com este sindicato por este se lhes ter dirigido menos correctamente, afirma que tais informações são menos verdadeiras pois pode demonstrar pela cópia dos respectivos ofícios

que tal facto não existiu. Simplesmente os industriais, tendo-se considerado impotentes para resolver o assunto por si próprios, mascararam assim a sua fuga, entregando a solução do conflito existente ao presidente do ministério.

Está esta classe no firme propósito de defender as suas reclamações empregando para esse efeito todos os meios e assim, constatando que alguns obreiros de obra de 1.ª qualidade, tem por várias formas fornecido algumas das casas já em greve, foi resolvido declarar em princípio a greve em todos os obreiros da especialidade acima indicada, e dando assim cumprimento a essa resolução foi já votada nos obreiros Casimiro Silva e Costa, da Calçada da Estrela.

Para efeitos da resolução tomada são convidados a comparecer hoje no sindicato, pelas 20 horas, os operários internos-se externos das seguintes oficinas: João Camilo, Tito Vespasiano Lopes, Anselmo, da Rua Silva e Albuquerque; Moura Santos, Ernesto Miranda, Alvarinho, da calçada Marquez d'Abrantes, José Carvalho, de Campo de Ourique, e José António Ramos.

A sessão magna realiza-se pelas 21 horas.

Uma comissão de manufactores de calçado, acompanhada pelo secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, procurou ontem o presidente do ministério a fim de tratar ainda das reclamações da classe relativamente ao preço da mão de obra. Os comissionários apresentaram ao chefe do governo vários documentos comprovativos de que os lojistas poderão atender as reclamações sem que se lhes torne necessário agravar os preços para o público, porquanto os lucros que eles auferem são suficientemente remuneradores para poderem fazer face ao aumento agora pedido.

Motivou esta demarche o facto dos industriais terem entregue a solução do conflito ao presidente do governo.

Pessoal dos Telefones

Entre os grevistas da Companhia dos Telefones continua reinando o maior entusiasmo, tendo cessado as negociações com o ministério do comércio. A comissão de resistência vai apelar para a solidariedade moral e material da organização operária, mantendo-se na espinhata até que a Companhia, compreendendo a justiça que assiste às suas reclamações, se resolva a atendê-las.

As salas dos Sindicatos Unico Metalúrgico estão sempre repletas de grevistas, sendo bom o seu moral.

Na ocasião que se estava realizando a reunião do pessoal dos telefones chegou o camarada Pereira Braga, secretário geral do Sindicato Unico Metalúrgico, do Porto, e delegado do pessoal dos Telefones da mesma cidade, com a missão de relatar ao pessoal dos telefones de Lisboa, o que se tinha passado entre o primeiro delegado vindo do Porto e a Companhia, o qual tratou os seus camaradas, dando assim ensejo a que aquele pessoal, vendo-se ludibriado, depois de ter retomado o trabalho, se declarasse novamente em greve.

Assim, a Companhia, imaginando que pelo suborno do delegado contratado para a reunião do pessoal dos telefones chegou o camarada Pereira Braga, secretário geral do Sindicato Unico Metalúrgico, do Porto, e delegado do pessoal dos Telefones da mesma cidade, com a missão de relatar ao pessoal dos telefones de Lisboa, o que se tinha passado entre o primeiro delegado vindo do Porto e a Companhia, o qual tratou os seus camaradas, dando assim ensejo a que aquele pessoal, vendo-se ludibriado, depois de ter retomado o trabalho, se declarasse novamente em greve.

Assim, a Companhia, imaginando que pelo suborno do delegado contratado para a reunião do pessoal dos telefones chegou o camarada Pereira Braga, secretário geral do Sindicato Unico Metalúrgico, do Porto, e delegado do pessoal dos Telefones da mesma cidade, com a missão de relatar ao pessoal dos telefones de Lisboa, o que se tinha passado entre o primeiro delegado vindo do Porto e a Companhia, o qual tratou os seus camaradas, dando assim ensejo a que aquele pessoal, vendo-se ludibriado, depois de ter retomado o trabalho, se declarasse novamente em greve.

Assim, a Companhia, imaginando que pelo suborno do delegado contratado para a reunião do pessoal dos telefones chegou o camarada Pereira Braga, secretário geral do Sindicato Unico Metalúrgico, do Porto, e delegado do pessoal dos Telefones da mesma cidade, com a missão de relatar ao pessoal dos telefones de Lisboa, o que se tinha passado entre o primeiro delegado vindo do Porto e a Companhia, o qual tratou os seus camaradas, dando assim ensejo a que aquele pessoal, vendo-se ludibriado, depois de ter retomado o trabalho, se declarasse novamente em greve.

Em Guimarães

Curtidores e Surraiores

GUIMARÃES, 7.—C.—Continua sem solução a greve dos operários da indústria de cortumes.

Chegou a esta cidade no último domingo 10 do corrente o camarada Jerônimo de Sousa, secretário geral da Federação Nacional dos Operários da Indústria de Calçado, Couros e Peles, dist.ª de Calçado, Couros e Peles, que veio em missão daquele organismo, por ter sido requisitado um delegado pela Associação de Classe dos Operários Curtidores e Surraiores de Guimarães à sua Federação.

Este camarada logo após a sua chegada, fez chegar ao conhecimento dos industriais de cortumes por meio de um ofício que os seus operários pretendiam que se liquidasse a questão travada entre eles, para o que convidava os referidos industriais a conferenciar entre si a fim de tomarem uma resolução e dar conhecimento dela ao seu pessoal.

A resposta daqueles sobas foi uma grosseria, pois que declararam atrevidamente que não davam coisa alguma.

No dia seguinte procurou uma comissão de operários avistar-se com os seus patrões a fim de colher uma resposta que fosse mais agradável.

Mas apesar da delicadeza e do respeito com que estes operários se dirigiram aos seus verdugos, foram recebidos com uma revoltante negativa. Estes imbecis responderam, em tom de escárnio,

C. G. T.

A conferência dos operários dos transportes

Está convocada para o próximo domingo, 15, a conferência de delegados especiais dos organismos de transporte de terra e mar, de longo curso, com o fim de se pronunciarem sobre um assunto internacional da máxima importância.

Effectua-se essa magna reunião na sede da C. G. T. e terá duas sessões: a primeira às 11 horas e a segunda às 20.

As Federações de Transportes de Terra e Mar e Marítima far-se-ão representar, assim como os Sindicatos ferroviários.

O Comité Confederal convida os organismos que receberam comunicação para aquele efeito a participarem-lhe, com urgência, os nomes dos seus delegados.

Label e caderneta profissional

O Comité Confederal comunica, por este meio, a todos os organismos do país, que cada label passará a custar 1800, em virtude dos preços da nova moeda ultimamente feita serem elevados naquele excesso.

O preço do pano das cadernetas confederais subiu quasi ao dobro, e talvez vá a ser ultrapassado em breve; por tal motivo o Comité Confederal vê-se na dura necessidade de aumentar o seu preço em mais dois centavos, em cada caderneta.

A percentagem destinada aos organismos federativos mantém-se, sendo, porém, necessário que estes façam as respectivas notificações aos sindicatos.

Casa dos Trabalhadores

Reunião da comissão central

Reúne hoje, pelas 21 horas prefixas, esta comissão para tratar assuntos da máxima importância, entre eles a aprovação das propostas da compra dum prédio para instalação da Casa dos Trabalhadores e as condições em que deverá ser entregue a primeira prestação.

Pela transcendência do assunto é necessário que não falte à hora marcada nenhum dos membros da comissão,

Ainda o sr. Mayer Garção

Persiste um jogo de palavras

A Manhã voltava ontem a fazer jogo de palavras. Para ela n.º 5, sindicalistas-revolucionários, inimigos de monarquias e repúblicas, deixando uma total remodelação da sociedade, somos republicanos porque, providamente, república se denominará o novo estado de cousas. Segundo esse critério, levantando-se o significado da palavra república tam longe, nós somos republicanos.

Isso não passa, porém, duma questão de palavras com que ao sr. Mayer Garção aprez entreter-se. A verdade é que, perante o critério republicano-democrático, não podemos ser defensores da República nem da Democracia. A República—falando, é claro, nos regimes assim intitulados que pelo mundo existem—nada tem de comum conosco; a maior diferença entre essa fórmula política e a monarquia não vai além da que existe entre um chapéu alto e um arminho. Que nos diga o sr. Mayer Garção quais as transformações que a República operou em Portugal. Nós não conseguimos percebê-las. E, quanto a Democracia, isso é cousa que não sabemos onde começa e onde acaba.

Democratas dizem-se a França e a Inglaterra. A Democracia não é, pois, monárquica nem republicana. Na Rússia e na França domina, segundo as teorias do sr. Mayer Garção, a democracia; no entanto, no primeiro destes países existe um regime de produção socialista, ao passo que no segundo o operariado curva-se ao jugo capitalista. Que é, pois, a Democracia? Onde começa e onde acaba? Dirá o sr. Garção: mas os senhores também são democratas. É possível, mas se assim é, a nossa democracia é tam diferente da democracia burguesa, tam distanciada desta que com ela só o sr. Garção poderá fazer uma nova questão de palavras. Findas estas considerações, esperamos que, desta feita, o director da Manhã nos entenda, o que não é cousa fácil de confessar a esse jornalista, tam habituado está a forçar as declarações mais francas e a fazer jogos de palavras.

Trabalhadores

lêde e propaga

A BATA

A BATA

A BATA

A BATA

A BATA

A BATA

